

Minha
Querida
Menina

AMOS

Obras de
Jennifer McMahon
publicadas pela Alta Novel

As Crianças na Colina

Outras obras de
Jennifer McMahon

A Torre do Terror

Prisioneiros do Inverno: Alguns Segredos Nunca Morrem

Não Diga uma Palavra: Você é um dos Escolhidos?

The Drowning Kind

The Invited

Burntown

The One I Left Behind

Dismantled

Island of Lost Girls

Promise Not to Tell

Minha Querida Menina

JENNIFER
MCMAHON

Tradução de **Helena Coutinho**



ALTA BOOKS

GRUPO EDITORIAL

Rio de Janeiro, 2024

Minha Querida Menina

Copyright © 2024 ALTA NOVEL

ALTA NOVEL é um selo da EDITORA ALTA BOOKS do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.)

Copyright © 2023 JENNIFER McMAHON

ISBN: 978-85-508-2484-0

Translated from original *My Darling Girl*. Copyright © 2023 by Jennifer McMahon. ISBN 9781668019061. This translation is published and sold by arrangement with Scout Press, an Imprint of Simon & Schuster Inc., the owner of all rights to publish and sell the same. PORTUGUESE language edition published by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda., Copyright © 2024 by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2024 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

M112m
1.ed. McMahon, Jennifer
Minha querida menina / Jennifer McMahon ;
tradução Helena Coutinho. – 1.ed. –
Rio de Janeiro : Alta Books, 2024.
320 p. ; 13,5 x 21 cm.

Título original: My Darling girl.
ISBN 978-65-508-2484-0

1. Ficção de suspense. I. Coutinho, Helena.
II. Título.

10-2024/128 CDD 813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção de suspense : Literatura norte-americana 813
Aline Grazielle Benitez – Bibliotecária – CRB-1/3129

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Esta é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares, organizações e situações retratadas são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou localidades é mera coincidência.

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books

Diretor Editorial: Anderson Vieira

Vendas Governamentais: Cristiane Mutús

Gerência Comercial: Claudio Lima

Coordenadora Editorial: Illysbelle Trajano

Produtoras Editoriais: Beatriz de Assis e Viviane Corrêa

Tradução: Helena Coutinho

Copidesque: Sara Orofino

Revisão: Renata Vettorazzi

Diagramação: Rita Motta


ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL

Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré
CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)
Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419
www.altabooks.com.br – altabooks@altabooks.com.br
Ouvidoria: ouvidoria@altabooks.com.br



Para todas as mães e filhas
que sabem como pode ser complicado.

AMOSTRA

AMOSTRA

Trinta e sete anos atrás

AMOSTRA

AMOSTRA



— ALI ABELHINHA? — SUSSURROU minha mãe enquanto entrava sorrateira no quarto, deslizava para debaixo da colcha pesada e se aconchegava ao meu lado na cama de solteiro.

Eu tinha 8 anos, já era uma menina grande, velha demais para abraços da mamãe, mas, ainda assim, quando ela pressionou o corpo contra o meu, suspirei de felicidade e me encolhi bem junto a ela.

Nós nos encaixávamos perfeitamente, ela e eu. Tanto que não dava para saber onde eu terminava e ela começava.

— Você está dormindo, meu amor? — perguntou ela. — Ou está se fingindo de morta?

Abri os olhos só um pouquinho, o suficiente para espiar os números no relógio da mesa de cabeceira: 2h15.

Minha mãe costumava trabalhar até tarde em seu ateliê e, às vezes, ficava lá a noite toda, pintando. Mas, de vez em quando, ela fazia uma pausa, vinha ao meu quarto e me acordava, tão ansiosa para mostrar seu último trabalho que não conseguia esperar até de manhã. Algumas noites, ela me acordava e perguntava se eu queria fazer biscoitos, ou dirigir até a loja de conveniência 24 horas para comprar sorvete e refrigerante e fazer vaca preta.

Agora, ela passava os dedos pelo meu cabelo, descia-os pelas costas, tocando os ossinhos salientes da minha coluna. Mesmo sem olhar, eu sabia que os dedos da minha mãe estavam manchados de tinta. Cheiravam levemente a terebintina, como os panos no ateliê — inflamáveis, um acidente esperando para acontecer.

Ela encostou o rosto no meu, bochecha com bochecha.

— Sei que está acordada — disse ela, e então senti aquele odor, distinto do leve cheiro de terebintina.

O hálito dela estava carregado de gim: um cheiro forte de pinheiro que me lembrava uma floresta de árvores de Natal.

Os dedos percorriam o tecido da minha camisola, desenhando formas, escrevendo letras para soletrar palavras. Era um jogo entre nós duas: adivinha-o-que-estou-soletrando.

Senti as letras familiares:

E-U-T-E-A-M-O

Sorri e me aconcheguei ainda mais perto dela.

— Amo mesmo — disse ela, as palavras arrastadas de um jeito que começaram a me dar dor de barriga. — Você é minha menina perfeita. Perfeita demais para este mundo. Às vezes, eu acho... — As palavras saíram roucas e estranhas. — Acho que devia ter te poupado. Ter te afogado ao nascer, talvez, e não deixá-la sofrer o que está por vir — murmurou ela no meu cabelo.

Meu coração batia tão alto e forte que eu tinha certeza de que ela podia ouvi-lo, soando como um alarme.

Ela me puxou para mais perto, espremendo todo o ar do meu peito.

Eu não conseguia me soltar, mesmo se quisesse.

Imaginei que estava realmente me afogando, sendo puxada para baixo, prendendo a respiração, os pulmões gritando por ar.

Pensei na faca que havia escondido sob o travesseiro: não era um objeto qualquer; era uma faca mágica, porque eu lançara um feitiço nela à luz da lua cheia e a havia purificado com água salgada e fumaça de bétula. Chamava-se Regressora, porque qualquer ser maligno que eu derrotasse com ela, regressaria para o lugar obscuro e sombrio de onde viera.

Naquela época, eu acreditava em magia. Acreditava que tudo tinha um espírito e uma energia que eu podia ouvir e da qual podia tirar proveito, que pedras e plantas podiam falar comigo, que os gansos voando acima de mim carregavam mensagens e eram prenúncios do que estava por vir. E acreditava que existia o bem e o mal e que estavam enrolados um no outro, entrelaçados como cipós grossos. Às vezes era difícil diferenciá-los.

Eu também fazia outras coisas para me manter segura. O anel de sal ao redor da cama, a Bíblia que a tia Frances me deu quando fiz 6 anos, escondida sob o travesseiro ao lado da faca. Era uma Bíblia infantil, com figuras. A página da Arca de Noé era a minha favorita: todos aqueles animais entrando no grande barco, de dois em dois.